

Introdução

Até dar início a este projeto, minhas práticas acadêmica e artística eram operadas de modos e em espaços distintos e separados, mesmo que, entre as duas, houvesse convergências. O que motivou essa pesquisa, então, foi exatamente a vontade de aproximá-las. Por um lado, havia o desejo de fazer com que a abertura e a liberdade que experimentava nos processos artísticos, fossem uma realidade também para a escrita acadêmica, que se dava sempre de forma mais angustiada e travada. Por outro, havia o desejo de fazer com que as leituras e estímulos acadêmicos se transformassem em proposições artísticas. Por ser já um tema comum às duas pesquisas, escolhi a autobiografia como fio condutor, ou como costura. No entanto, para além desse papel, meu interesse pela escrita autobiográfica se deu por ela trazer um elemento essencial para essa economia, a própria vida.

Assim, mais do que qualquer outra coisa, essa dissertação se configura como um experimento. Interessada em explorar, de forma pessoal e experimental, formas de compor autobiografias visuais através do dispositivo fotográfico, abri mão de uma investigação acadêmica clássica, que partiria da análise de um *corpus*, e assumi a experimentação como prática.

Nesse sentido, o primeiro capítulo compreende um percurso panorâmico em torno da autobiografia, explorando, por um lado a formação da subjetividade moderna e, por outro, os diversos estudos sobre a especificidade do gênero, que despontaram a partir dos anos 1970. O objeto desse olhar panorâmico é identificar como se configurou a escrita autobiográfica e que discursos agem sobre ela. Uma espécie de sobrevoo sobre o terreno movediço da autobiografia que permitirá vislumbrar as questões que rondam meu empreendimento.

O segundo capítulo se dá como um reconhecimento de projetos autobiográficos, e uma apresentação das questões que guiarão meus experimentos. A partir de trabalhos de Jean Starobinski e de apontamentos críticos de Pierre Bourdieu, me aproximo do modelo autobiográfico clássico, discutindo algumas questões inerentes a ele, tais como a noção de vida como história; a ideia de que uma autobiografia é sempre motivada por uma experiência transformadora anterior à escrita; e a noção de escrita autobiográfica como busca de sentido (retrospectivo e prospectivo, direção e significado). Já a partir dos estudos de Leonor Arfuch, entro no espaço contemporâneo da produção autobiográfica, e abordo a questão da antibiografia. Aqui me interessa especificamente a noção de autobiografia como um movimento de "pôr-se fora de si mesmo", sem a pretensão de reconstruir uma totalidade ou uma coerência retrospectiva dos acontecimentos. Além desses dois projetos autobiográficos (a autobiografia clássica e a antibiografia), há ainda a fotobiografia. Talvez o projeto mais próximo do meu empreendimento, ao menos em termos de ferramenta estética, a fotobiografia, como pensada por Gilles Mora e Claude Nori, interessa aqui, especialmente, por trazer a noção de uma autobiografia fotográfica como amplificadora da existência.

No terceiro, no quarto e no quinto capítulo, desenvolvo meus experimentos. Os capítulos são compostos de imagens, as autobiografias visuais propriamente ditas, e uma série de notas que acompanham os experimentos. Toda produção é guiada pelo desejo de transformação, de ser outro, de dar movimento à existência, de experimentar uma autobiografia visual para além da busca de sentido (retrospectivo e prospectivo, direção e significado).